

NYT denuncia trabalho escravo na Amazônia

Reportagem mostra como exportadores de madeira e carne se aproveitam de mão-de-obra forçada no Norte

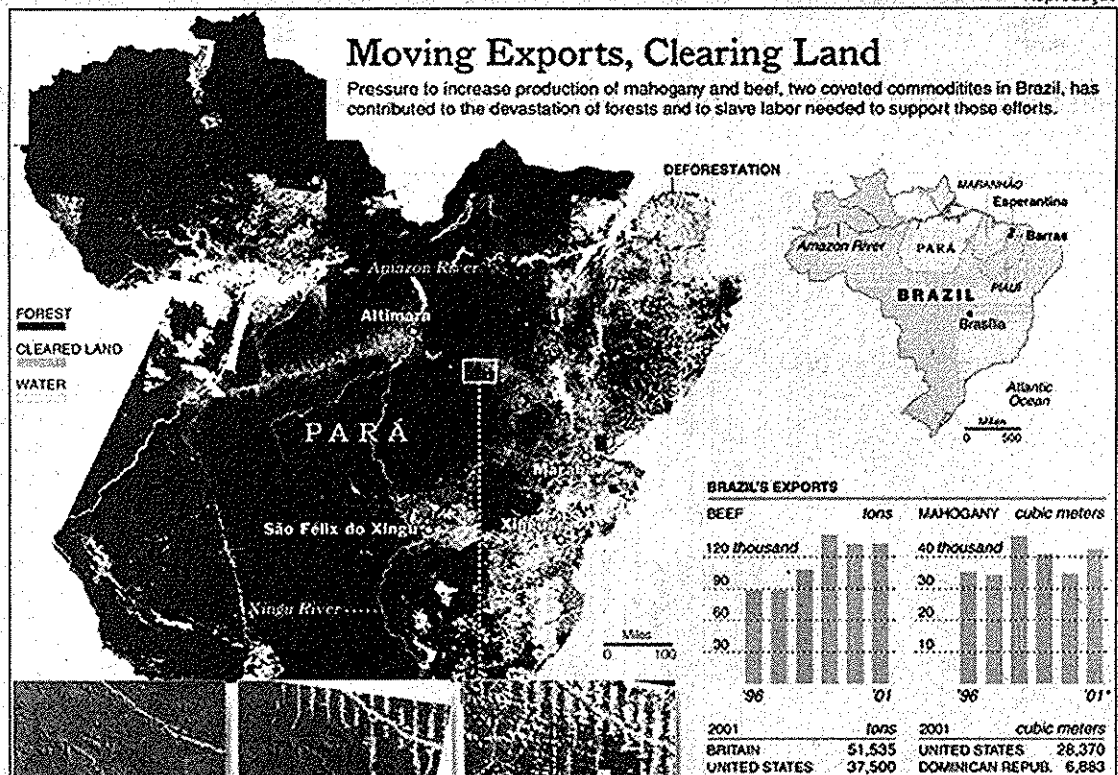
Toni Marques
Correspondente

• NOVA YORK. Com 2,5 mil palavras, duas fotos, um mapa e um gráfico, um dos correspondentes do "New York Times" no Brasil, Larry Rohter, deu ontem aos leitores do jornal um panorama extenso do trabalho escravo na Amazônia e sua relação com a exportação de carne e madeira. Publicada na primeira página e em página inteira da seção Internacional, com procedência de Xinguara, no Pará, a reportagem de Rohter, intitulada "Valorosas exportações do Brasil contam com escravos e terra ressecada", conta a história de Bernardo Gomes da Silva, de 42 anos de idade, 12 dos quais vividos sob o regime de trabalho forçado, para sintetizar a vida dos cerca de 25 mil trabalhadores escravizados no país, conforme dados da Pastoral da Terra divulgados no ano retrasado, e mostrar o produto da exploração: a devastação da floresta no Pará e o aumento da exportação de mogno e carne.

Reportagem foi uma das mais enviadas do "NYT"

A reportagem esteve, ontem, entre as 15 mais enviadas por leitores cadastrados na versão on-line do jornal. Rohter deu a palavra a trabalhadores analfabetos que são ludibriados pela promessa de trabalho fixo, bom salário, hospedagem gratuita e comida farta, para então se verem trabalhando até 17 horas por dia sem pagamento, uma vez que os patrões lhes cobram caro por transporte, alimentação, alojamento, remédios e ferramentas. Aqueles que reclamam são ameaçados de morte. "A única vez em que comemos carne", contou Gomes da Silva, hoje morando em Barras, no Piauí, "foi quando eles tinham bife podre, que estavam desesperados para jogar fora".

Rohter também reproduz depoimentos de importadores de madeira nos Estados Unidos; do chefe da Divisão de Apoio à Fiscalização Móvel da divisão de combate ao trabalho escravo do Ministério do Trabalho, Cláudio Secchin; da dona de um hotel em São Félix do Xingu que abriga, por intermédio de crédito, trabalhadores que foram dispensados e tiveram seus débitos perdo-



NO GRÁFICO PUBLICADO pelo "NYT", dados mostram a relação entre desmatamento e trabalho escravo

Brazil's Prized Exports Rely On Slaves and Scorched Land

By LARRY ROHTER

XINGUARA, Brazil — The recruiters gather at the bus station here in this grimy Amazon frontier town, waiting for the weary and the desperate to disembark. When they spot a target, they promise him a steady job, good pay, free housing and plenty of food. A quick handshake seals the deal.

But for thousands of peasants, that handshake ensures a slide into slavery. No sooner do they board the battered trucks that take them to

interviewed recently in his hometown, Barras, about 600 miles east of here, Mr. Gomes da Silva said particularly troublesome workers, especially those who kept asking for their wages, were sometimes simply killed.

"I can't read, so maybe a half-dozen different times I was ordered to burn the identity cards and work documents of workers who I had last seen walking down the road, supposedly on their way out," he said. "We also found heaps of bones out in the

dos; do padre Ricardo Rezende, ex-vigário de Rio Maria, no sudeste do Pará; e da ativista Pureza Lopes Loyola.

"O trabalho escravo no Brasil é ligado ao desflorestamento", afirmou Secchin, em Brasília. "O Brasil foi o último país nas Américas a abolir a escravidão, em 1888, e o trabalho forçado para negros e brancos continuou ao longo do século XX em algumas áreas rurais", afirma o repórter. "Mas autoridades do governo admitem que, apesar da repressão federal anunciada sete anos atrás, 'formas contemporâneas de escravidão'

(aspas do repórter), nas quais trabalhadores são mantidos sem pagamento e trabalham sob coerção continuam a florescer. As razões vão de fazendeiros mancomunados com autoridades locais corruptas a políticas de reforma da terra ineficientes e desemprego alto".

Um dos importadores de madeira ouvidos pelo repórter é o brasileiro Romel Bezerra, vice-presidente da empresa Aljoma Lumber, de Medley, na Flórida. A empresa, em 2000 foi a maior importadora de mogno dos EUA. Bezerra afirmou que o Brasil estabeleceu regulamenta-

ção tão restritiva para corte e transporte de madeira, que "é impossível embarcar mogno ilegalmente". Sobre o trabalho escravo na Amazônia, ele disse: "Hoje em dia não existem coisas como essa". Segundo ele, trata-se de "mentiras e política", espalhadas por funcionários do governo "que querem se eleger e querem a bandeira verde os apoiando". Já o deputado estadual Francisco Nonato de Araújo, do Piauí, não quis falar com Larry Rohter. Na fazenda de Araújo, a polícia libertou 60 trabalhadores escravos, alguns dos quais portando malária. ■

A REPORTAGEM

do jornal americano diz que as exportações de carne e madeira contam com mão-de-obra forçada, seduzida por promessas vazias de melhores condições de vida